



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI**  
**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB**  
**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**  
**LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

FRANCISCO FLÁVIO SOUZA MORAES  
MARIA BRUNA DE AMORIM CARDOSO

**FESTEJO DE SANTA LUZIA:**  
**A História e o Início da Grande Procissão (1976 a 2018)**

BURITI DOS LOPES  
2019

FRANCISCO FLÁVIO SOUZA MORAES  
MARIA BRUNA DE AMORIM CARDOSO

**FESTEJO DE SANTA LUZIA:  
A História e o Início da Grande Procissão (1976 a 2018)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Licenciatura Plena  
em História, do Núcleo de Educação à  
Distância da Universidade Estadual do Piauí,  
sob a orientação da prof<sup>a</sup> Especialista  
Suzana Macêdo Nunes Gomes

BURITI DOS LOPES

2019

M867f Moraes, Francisco Flávio Souza.

Festejo de Santa Luzia: a história e o início da grande procissão (1976 a 2018) / Francisco Flávio Souza Moraes, Maria Bruna de Amorim Cardoso. - 2018.

46 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Licenciatura Plena em História, Núcleo de Educação à Distância - NEAD da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, 2018.

“Orientadora: Profa. Esp. Suzana Macêdo Nunes Gomes.”

1. Festejos de Santa Luzia (PI). 2. Barra do Longá (PI). 3. História Oral. I. Cardoso, Maria Bruna de Amorim. II. Título.

CDD: 981.22

FRANCISCO FLÁVIO SOUZA MORAES  
MARIA BRUNA DE AMORIM CARDOSO

FESTEJO DE SANTA LUZIA:  
A História e o Início da Grande Procissão (1976 a 2018)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, à banca examinadora da Universidade Estadual do Piauí.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

---

---

À todos os fiéis de Santa Luzia, barrenses e buritienses, que de maneira ímpar participam e fazem a festa de santa Luzia muito grandiosa.

## AGRADECIMENTOS

Queremos agradecer primeiro a Deus pela coragem que nos deu e a santa Luzia que nos deu a luz dos olhos da inteligência.

À nossa orientadora Suzana Macêdo Nunes Gomes pelo seu apoio em acreditar que conseguiríamos.

Ao nosso tutor presencial Golbery Gregório da Silva Lima que se dedicou para que nossa caminhada não fosse tão árdua, junto aos nossos professores anteriores Débora da Silva Viana e Mariano Sérgio Pereira da Silva que contribuíram com tamanha vontade para nosso crescimento.

A todos os nossos entrevistados que dispuseram do seu tempo para nos atender.

À José Francisco Cardoso Neto que deu os últimos ajustes nas correções, nos possibilitando assim o êxito final.

Eu, Maria Bruna, quero agradecer aos meus pais Manoel Francisco Passos Cardoso e Carla Adriana de Amorim pelo apoio.

Minha eterna gratidão ao meu irmão Marcio Francisco Cardoso que me socorreu em todas as dificuldades do curso.

Agradeço a Daniela Aguiar Santos que me ajudou com os problemas do curso estando sempre ao meu lado.

À Rosa Maria da Conceição Lima Neta, Geovane Cardoso que foram grandes amigos sempre ao meu lado.

Agradeço aos meus irmãos, tios, madrinhas e amigos que sempre acreditaram e nunca me deixaram desistir.

Eu, Flávio Moraes quero agradecer primeiramente aos meus pais Vicente de Paulo Moraes de Assis e Raimunda Nonata Soares Souza por terem me dado todo o suporte possível ao longo destes quatro anos para que eu conseguisse alcançar meus objetivos, pois sem eles nada disso seria possível.

Aos meus irmãos Geovania Moraes, Raiane Moraes e Vinicius Moraes por terem sido meus companheiros fiéis nessa jornada.

Aos meus amigos Brendo Consanter, Maidson Costa, Fernando Nunes, André Brito e Fernando Melo, que compartilharam comigo momentos extras ao

longo dos anos que serviram como calmaria nos momentos de aflição desta longa caminhada.

Aos meus amigos Alessandra Oliveira, Sandy Souza e Irlandia Almeida que foram peças que sempre caminharam comigo no decorrer do curso, com suas palavras de motivação e carinho.

Aos meus amigos Sthefany Sousa, Vagna Sousa e Fábio Alves pela ajuda dada para que este projeto se realizasse com êxito e pelo carinho sempre recebido nos momentos de visitas.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para este trabalho.

Tenham certeza que sem vocês nós jamais conseguiríamos chegar até aqui.

“A história é como uma procissão: pode ser contada a partir do lugar onde se está na procissão. É a mesma procissão, vista de lugares e pontos de vistas diferentes, havendo então distintas histórias, abordagens, enfoques, olhares, visões, interpretações sobre um mesmo assunto. Na vida é assim, contamos e escutamos histórias diferentes. O interesse do pesquisador tem a ver com a sua visão de mundo e com sua bagagem de leituras e pesquisas”.

(1.História – Piauí. I. Kruei, Kenard. II. Título)

“Agradeço no fundo do coração a Santa Luzia por me ajudar... acredito eu que sem esse festejo eu não seria nada, rezo todos os anos para que a tradição não se acabe nunca, nem quando eu bater as botas”.

(ANTÔNIO LIMA DOS SANTOS).



## RESUMO

O presente trabalho aborda o surgimento do Festejo de Santa Luzia, uma das maiores festividades religiosas do norte do estado do Piauí. Para isso, se fez necessário um estudo minucioso da população da comunidade de Barra do Longá no município de Buriti dos Lopes. Tal projeto se inicia no século XIX e percorre toda uma linha temporal até chegar aos dias de hoje, ressaltando toda uma história detalhada graças a personagens participativos como fontes de pesquisa que irão se apresentar no decorrer das linhas da pesquisa. Com isso, cabe-nos a investigar a importância deste trabalho, dando requerimento como se deu o início do festejo, suas histórias contadas por moradores locais e como funcionam as engrenagens, ou seja, qualificar as noites do festejo, discorrer o que se pode ou o que não se pode encontrar dentro dessa festividade de grandioso porte. Há que se revelar como se encontra o corpo da festividade religiosa, fazendo comparações com o passado e o presente, elencando transformações e continuidades da história que segue através da linha de pesquisa escolhida para a execução do trabalho, a História Oral.

**Palavras-chave:** Festejo de Santa Luzia, Barra do Longá, História Oral.

## **ABSTRACT**

The present work deals with the emergence of the Santa Luzia Festival one of the greatest religious festivities in the north of the state of Piauí. For that, a detailed study of the population of the community of Barra do Longá in the municipality of Buriti dos Lopes was necessary. This project begins in the nineteenth century and runs through a whole time line until today, highlighting a detailed history thanks to participatory characters as sources of research that will be presented along the lines of the project. With this, it is up to us to investigate the importance of this work, giving as required the beginning of the celebration, its stories told by local residents and how the gears work, that is, to qualify the nights of the celebration, to discuss what can or which he can not find within this festivity of great bearing. And finally reveal how the body of the religious festival is, making comparisons with the past and the present, listing transformations and continuities of history that follows through the line of research chosen for the execution of the work, Oral History.

**Key words:** Celebration of Santa Luzia, Barra do Longá, Oral History.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1:</b> Primeira Igreja de Barra do Longá.....	18
<b>Figura 2:</b> Igreja atual de Barra do Longá.....	18

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. CARACTERÍSTICAS DE BARRA DO LONGÁ.....</b>	<b>13</b>
1.1 A ORIGEM DO FESTEJO DE SANTA LUZIA.....	14
1.2 PADRE ONEY BRAGA DE SOUSA E FRANCISCA ALVES DE SOUSA.....	16
1.3 DEVOLUÇÃO DA IMAGEM E O SURGIMENTO DA PROCISSÃO.....	19
1.4 IMPORTÂNCIAS CULTURAL E RELIGIOSA PARA A COMUNIDADE LOCAL	21
<b>2. AS DEZ NOITES DO FESTEJO.....</b>	<b>23</b>
2.1 ROMEIROS E PAGADORES DE PROMESSA.....	24
2.2 MISSAS E LEILÕES.....	26
2.3 FESTAS MUNDANAS E O COMÉRCIO.....	31
<b>3. CONTEMPORANEIDADE DO FESTEJO 2018.....</b>	<b>35</b>
3.1 TRANSFORMAÇÕES.....	35
3.2 CONTINUIDADES.....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>40</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>43</b>

## INTRODUÇÃO

Visando a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual do Piauí-EAD, este trabalho se qualifica com o intuito de mostrar a importância nas raízes e no desenvolvimento ao longo dos anos da festividade popular religiosa do povoado de Barra do Longá, situado às margens do Rio Longá de onde advém seu nome de origem, pertencente ao município de Buriti dos Lopes, Piauí. Para entendermos a fundo essa grande manifestação religiosa foram necessários depoimentos, memórias e imagens que nos revelaram descobertas fascinantes sobre o tema.

De início tomamos como norte o uso da história oral e história cultural, porque de certa forma ao nos indagarmos sobre a dialética história e memória, cria-se várias vias de acesso a um passado presente que vem despertando variadas perguntas sobre o mesmo, “tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história... a necessidade de uma memória é uma necessidade da história.” (NORA, 1993).

O trabalho de um historiador reflete aquilo que a maioria da sociedade descarta por achar banal à sua visão, porém como nos diz o historiador Marc Bloch, “Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, (...) o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça”. (BLOCH, 2002).

Assim colocando em prática o trabalho de um historiador podemos fazer a iniciação da pesquisa que é valorizar a cultura ainda viva na comunidade, trazendo à tona fatos entretanto desconhecidos pela maior parte dos populares, o foco sendo assim o início de uma tradição que é a procissão de Santa Luzia, que se repete a mais de quatro décadas, e a continuação do tradicional festejo, resgatando toda a sua história com o relato de ter começado no ano de 1808, trazido pelos portugueses após a fuga da família real ao Brasil, na sua importância temos a manifestação da fé dos fiéis que muitas vezes vêm de longe para assim pagarem suas promessas, que representam o sacrifício em forma de gratidão por aquilo que lhe é concedido, mas não só apenas os fiéis são atingidos, Barra do Longá cresce em comércio nesta época do ano, porque além de dar ênfase à fé católica, o festejo gera fonte de renda e alavanca a economia da comunidade, sem esquecer que

culturalmente essa tradição já pode ser vista como patrimônio imaterial, pois faz parte da história e característica local para a comunidade estudada e as heranças que se pregam até os dias atuais. Sabemos que a história se faz presente em todo e qualquer lugar e conta com visões diferentes, partindo de pessoa para pessoa.

Contudo a abordagem feita neste trabalho irá retratar como se deu o início da conhecida procissão, preenchendo lacunas sobre sua origem e progressão. Não esquecendo as tradições que o riquíssimo festejo deixa para a história local, valorizando a história Oral e a memória dos colaboradores que viverem ou ouviram, tendo muito a falar.

No primeiro capítulo será abordado o festejo em si, dando suporte histórico para explicar como se inicia a procissão, já no segundo retrataremos a procissão junto com o festejo, mostrando como o mesmo altera a vida dos habitantes da localidade neste período. Fechando então com terceiro capítulo que é uma análise das mudanças e permanências do festejo de santa Luzia ao longo do tempo.

## CAPÍTULO 01

### 1. CARACTERÍSTICAS DE BARRA DO LONGÁ

Localizada na cidade de Buriti dos Lopes, Piauí, que segundo o IBGE estima-se ter cerca de 19.754 mil habitantes (dezenove mil, setecentos e cinquenta e quatro). O povoado Barra do Longá fica um pouco mais de 7 km de distância da cidade.

Não se sabe ao certo quem fundou a comunidade, conta-se que a região era habitada por índios, que viviam às margens do rio, antes da chegada dos colonizadores.

Sua subsistência dava-se pela fabricação de canoas, produção de algodão, agricultura, pecuária e principalmente a pesca. É um lugar histórico, pois foi nessa localidade que se travou um dos embates da guerra dos balaaios, representado no hino da cidade: “Na guerra contra os Balaaios / Servistes de forte na guerra / Contra os Balaaios servistes de forte na guerra”, de autoria de Francisca da Chagas de Sousa, mais conhecida como Chica Berlina, em parceria com João Batista Amaral, Hino oficializado pela lei Municipal nº 113, de 29 de setembro de 1983<sup>1</sup>.

O poeta buritiense Neném Calixto<sup>2</sup>, nos informou que ele já indagou a autora do hino, tecendo uma crítica à estrofe “contra os balaaios servistes de forte na guerra”, “dona Chica por que a senhora fez?” e ela lhe responde “não, menino, é por que ali é o seguinte, os balaaios não mataram nossos representantes? Eu não posso está a favor dos balaaios”<sup>3</sup>.

A crítica de seu Neném Calixto se deve ao fato de que os revoltosos de Barra do Longá e Buriti dos Lopes, teriam lutado a favor dos balaaios e não contra, como mostra o hino. Os balaaios queriam libertar os escravos das fazendas, ainda continuando a crítica, Neném Calixto afirma que quem veio lutar contra os balaaios foi a cavalaria trazida pelo prefeito de Parnaíba, Miranda Ozório, por que os militares convocaram alguns homens e todos eles se recusaram a guerrilhar, dando assim

---

<sup>1</sup> <http://buritiecolgia.blogspot.com/2013/09/hino-do-buriti.html>, site que relata sobre os autores do hino e sua composição. Acessado em: 13 de Novembro de 2018.

<sup>2</sup> Francisco Carvalho Nunes, conhecido como Neném Calixto, natural do estado do Maranhão e colaborador com esta pesquisa.

<sup>3</sup> Entrevista concedida por Francisco Carvalho Nunes aos autores em 13 de novembro de 2018.

por entender que possivelmente estariam apoiando as causas dos balaios. Essa é uma das ricas passagens históricas presentes neste local.

Até os dias atuais a localidade é dona de uma paisagem imensurável, todavia a sua proximidade ao rio causa grandes problemas no inverno. Em abril do ano de 2018 a comunidade passou por uma enchente que deixou muitas casas inundadas e famílias desabrigadas, onde a última cheia havia sido registrada no ano de 2008.

“Nas comunidades Barra do Longá e Coroa de São Remígio em Buriti dos Lopes, moradores estão tirando os móveis e outros objetos de dentro das residências e buscando abrigo nas casas de parentes e amigos que residem em locais distante dos rios. Várias residências já foram cobertas pelas águas”.<sup>4</sup>

Não apenas a sua história é importante, mas seus moradores são pessoas batalhadoras, sendo a maior comunidade do município, vem a muitos anos sendo ponto de encontro e de distração para muitos, a fim de viverem minutos fora das tecnologias, já que não tem área de cobertura telefônica. Barra do Longá é rica em história cultural, e arrasta há décadas pessoas de todas as regiões para prestigiar esse espetáculo, que é o festejo de Santa Luzia.

### 1.1. A ORIGEM DO FESTEJO DE SANTA LUZIA

Sem documentação sobre como se deu a origem do festejo, contando apenas com a fonte da oralidade dos fatos, deve-se compreender que ao falarmos de passado, procuramos entender o que é nos dado hoje.

História oral é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo (história de vida) ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade (tradição oral). (QUEIROZ, 1988 apud CAPELLE et al, 2010).

Neném Calixto conta a história de que quem iniciou o festejo de Barra do Longá, foram os portugueses, que vinham fugidos da guerra que Napoleão Bonaparte travou contra a coroa portuguesa, pelo fato dela ter quebrado o bloqueio continental, no ano de 1807. Chegaram por meio da navegação, pois a Barra do Longá é encontro de dois rios, Rio Longá e Rio Parnaíba.

---

<sup>4</sup> <https://www.portalbocadopovo.com/2018/04/enchentes.html>. Acessado em: 23 de novembro de 2018.



Dona Francisca Alves de Sousa, de quem falaremos no próximo tópico, conta que quando chegaram à Barra do Longá, trouxeram três imagens consigo: São Gonçalo, Santo Antônio e Santa Luzia, todas as três esculpidas em madeira. Eles então construíram a primeira capela para fazer suas celebrações. Certa vez os mesmo voltaram a Portugal, foi então que uma mulher denominada Francisca Pereira a quem zelava da capela enquanto os portugueses viajavam, pediu a eles que trocassem a imagem de Santa Luzia por uma maior, levando então a primeira que trouxeram e ao retomarem já com a imagem então desejada, a mesma acredita que a aceitação de Santa Luzia como padroeira de Barra do Longá se deu pela sua linda historia de mártir.

Santa Luzia nascida em Siracusa na Itália era de família nobre e perdeu seu pai quando ainda era pequena. Criada por sua mãe Eutichia, Luzia conheceu o amor de Jesus e a ele consagrou-se com votos perpétuos de castidade. Primeiro milagre de Luzia foi curando sua mãe de uma grave enfermidade hemorrágica, quando teve a visão de Santa Ágata dizendo que ela havia conseguido a cura de Eutichia. Doaram seus bens e riquezas aos pobres. Um jovem apaixonado por Luzia mandou que as autoridades a prendessem com base em um acordo de casamento desfeito. Os romanos assim fizeram condenando-a à pena de morte, por não abdicar do amor a Cristo.

Conta a tradição que foi dito que antes da morte a levassem a pior parte da cidade para que fosse prostituída, porém nem os soldados mais fortes conseguiram retirá-la do lugar, firme e imóvel como uma coluna, pois Deus não permitiria tal tortura e que quebrasse seus votos a Ele dedicados.

Outra história é a de que teve seus lindos olhos retirados como terrível castigo, mas qual não foi a surpresa que no dia seguinte Luzia tinha novamente seus olhos intactos restituídos pelo amor de Deus, como se nunca os tivessem tirado.<sup>5</sup>

Ainda, porém que sua história seja tocante e comovente vale lembrar que os portugueses impunham sua religião sobre os povos dominados, assim como todos os outros colonizadores.

Segundo Paiva (1982):

Ainda sobre o papel da catequese dos índios, Paiva aborda aspectos da pastoral legalista, que consistia principalmente em manter instaurado o

---

<sup>5</sup> Paróquia Santa Luzia, Porto Alegre, 2018

reino de Deus. Isto exigia a conversão do índio e sua adaptação à ordem, aos regulamentos e às leis portuguesas e, conseqüentemente, a abdicação dos costumes indígenas. Assim, as aldeias deviam ser organizadas de acordo com as características legalistas de Portugal... Concluindo, Paiva afirma que a sujeição do índio ocorreu não por sua própria aquiescência, mas por impotência, já que não tinha "condições de debelar o intruso que estava se impondo". (PAIVA, José Maria de. Colonização o catequese (1549-1600). São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1982.108p.)

O que se indaga é de não saber ao certo os precedentes dos fatos, se houve simpatia e aceitação ou imposição. Muitos estudos sobre a vinda dos jesuítas para o Brasil mostram que a conversão dos índios era de caráter obrigatório, o que não surtia muito efeito, pois muitos acabavam fugindo ao ter que se render a outra crença. O que é notório ressaltar que o início do festejo não trata apenas de religiosidade, mas também de conquistas, onde existiram vários acontecimentos para hodiernamente (atualmente o festejo) ter essa configuração.

Para o Império, salienta Paiva, a sujeição indígena era uma questão de segurança e de êxito na colonização, visto que ela propiciava produção e lucro aos portugueses. Para a Igreja, garantia condições favoráveis à catequese, posto que era difícil conservar a fé e os costumes cristãos, em meio a centenas de aldeias, com o reduzido número de missionários na Colônia.<sup>6</sup>

O festejo inicia-se no dia 03 de dezembro com sua abertura, onde acontece a alvorada e o levanto do mastro<sup>7</sup> de carnaúba, a noite as 18:30 a reza do terço e em seguida a celebração da missa e por fim o leilão, assim se sucedem as nove noites do festejo, terminando no dia 13 do mesmo mês, com uma procissão pelo povoado. Vale ressaltar que do seu início até o ano de 1975 a única procissão existente era a de encerramento.

Os festejos católicos que são compostos por novenas (nove noites) ou tríduos (três noites), tem como finalidade homenagear aqueles que foram santos beatificados e que estão perante a glória de Deus, fazendo assim uma festa que fortalece os vínculos da fé.

## 1.2. PADRE ONEY BRAGA DE SOUSA E FRANCISCA ALVES DE SOUSA

Ao adentrarmos na história da procissão, nos deparamos com duas figuras importantes, sem desmerecer os outros participantes, Dona Francisca e Pe.Oney

---

<sup>6</sup> Idem

<sup>7</sup> Palmeira que os moradores cortam nas matas para que se possa içar as bandeiras.

foram pessoas que tiveram participação ímpar sobre o festejo e procissão, cujo trabalho nos presenteou com vultosa tradição cultural.

Nascido em 09 de maio de 1937 no povoado de Boqueirão ligado ao município de Carnaubal no estado do Ceará, Oney Braga de Sousa aos nove anos de idade engajou-se no seminário na cidade de Sobral no Ceará, começara uma vida de submissão ao religioso e que traria frutos jamais imaginados, e na data de 21 de janeiro de 1965 se ordenou padre na cidade de Parnaíba no Piauí. Francisco de Assis Braga sobrinho do padre conta que no seu nascimento a parteira disse que aquele menino ou seria médico ou seria padre.

Como "Consequência, a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de cristo" (Rm 10,17), pode-se deduzir que a vocação e a missão específica do presbítero é fazer essa Palavra chegar a todas as pessoas de boa vontade, provocando a conversão, condição primeira para o seguimento de Jesus (cf. Mc 1,15).<sup>8</sup>

Sendo assim, no ano de 1969 ele toma posse da paróquia Nossa Senhora dos Remédios, em Buriti dos Lopes. Na cidade sempre foi considerado um homem bom e justo.

"Ah, durante a vida dele como padre ele tinha várias qualidades, ele considerava todos iguais, não tinha essa de ser rico ou pobre, preto ou branco.. Era uma pessoa muito alegre e espirituoso meu tio, mas quando se tratava das obrigações da igreja ele era muito rígido e conservador"<sup>9</sup>

Francisca Alves de Sousa nasceu em 31 de março de 1933, filha de pescadores e lavradores, morava em Buriti dos Lopes onde trabalhou no ateliê da Lili Escórcio, fazendo bordado, crochê e ponto paris, casou-se em 1952, aos 17 anos com o Sr. Zifirino de Sousa, mais conhecido como Chico Mundoca.

Após o casamento mudaram-se para a Ilha das Cabras<sup>10</sup>, para serem encarregados do terreno do já falecido Antônio Paulo de Sousa, de quem eram amigos. Firmaram-se no local, vivendo da pesca, agricultura e de uma quitanda<sup>11</sup>. Dona Francisca relata que apesar de católica não frequentava a igreja, pois missa na comunidade era apenas uma vez ao ano.

Então no ano de 1969 o pároco foi até a casa de Dona Francisca e Sr. Chico Mundoca, pedindo então que o mesmo comparece na casa do padre para tratar de

---

<sup>8</sup><http://www.catequisar.com.br/texto/materia/especial/vocacao/13.htm>

<sup>9</sup> Entrevista concedida por Francisco de Assis Braga aos autores em 09 nov. 2018.

<sup>10</sup> Comunidade extinta, vizinha a Barra do Longá.

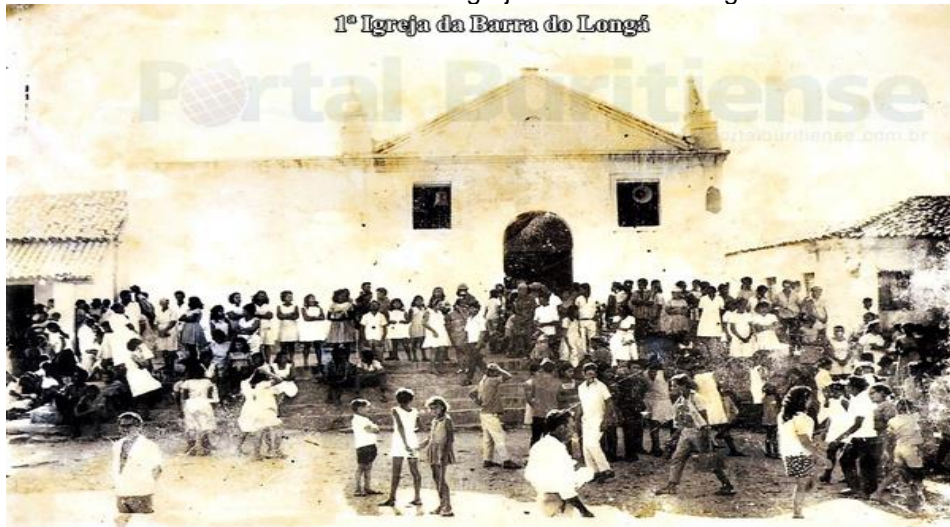
<sup>11</sup> Pequeno estabelecimento comercial.

um assunto. Eis a surpresa deles, o padre queria que eles fossem morar em uma casa do lado da capela para cuidar da mesma e do festejo. As dúvidas foram grandes e as opiniões divididas. Dona Francisca relata sorridente o que um amigo falava ao seu esposo: “não vai Chico, quem luta com santo só leva ladrão”

“onde eu não vim ficar meu Deus, pois num é três metros da casa pra igreja... eu fui castigada por uma parte e ganhei uma graça por a outra, por que disse que não tinha vontade de morar na barra” sorriu ela.<sup>12</sup>

Em 1970 vieram morar de vez em Barra do Longá, onde em 1971 o padre iniciou uma obra na capela, de derrubar totalmente a igreja e construir outra maior. Obra essa só terminada em 1977, na fala de dona Francisca, discorre que a dificuldade era muito grande, não havia tantos recursos, mas com muito empenho o padre conseguiu os pedreiros na cidade de Buriti dos Lopes e iniciou-se a obra.

**FIGURA 1:** Primeira Igreja de Barra do Longá



**FIGURA 2:** Igreja atual de Barra do Longá



Na primeira foto temos a primeira capela de santa Luzia, retirada do site Portal Buritiense, onde não havia informações sobre a foto. E na segunda foto temos

<sup>12</sup> Entrevista concedida por Francisca Alves de Sousa aos autores em 19 de maio de 2018

a igreja do ano de 2018, dos arquivos pessoais de Flavio Moraes. Ao fazermos a comparação das fotos é possível perceber que a sua estrutura foi inteira modificada e que a igreja foi aumentada. Ao lado direito vemos a atual casa de dona Francisca.

Durkheim, em *As formas elementares da vida religiosa* (1912), citado por Peters, em *A história das religiões no contexto da história cultural* (2015), afirma que:

(...) a religião é uma representação do social, uma “instância real, que exprime sentimentos necessidades e pensamentos reais. Assim não haveria religiões falsas, pois todas elas seriam verdadeiras a sua maneira, respondendo a determinadas condições da vida humana.” (PETERS, 2015)

Mudar o curso da vida por uma instituição religiosa, praticando assim a filantropia, Francisca e Mundoca, aceitaram de boa fé nova missão que lhe era dada, o Sr Mundoca morreu muitos anos depois e dona Francisca perdeu a visão dos dois olhos, segundo ela até hoje não se sabe qual doença lhe Prejudicara, um fato curioso devido a sua devoção a santa Luzia. Para Wellhausen a análise histórica de alguma religião pressupõe um senso de fé não dogmática e não confessional (WELLHAUSEN, 1878)<sup>13</sup>.

### 1.3. SURGIMENTO DA PROCISSÃO.

Durante a década de 1970 muito se cogitava sobre os frequentes furtos de imagens valiosas que ocorriam na região, que após um furto realizado em São Bernardo no estado do Maranhão, tal informação chegou à comunidade. Com o início dos relatos envolvendo os furtos a população ficou em estado de alerta, que em certo dia os moradores da localidade avistaram por duas vezes um carro com a placa de Bacabau-Ma, de baixo de uma mangueira na lateral da capela, aparentemente excêntrico nas redondezas, um movimento que causou enorme espanto nos moradores e nos responsáveis pela segurança da imagem, de valor imaginável.

Em consequência disso, Sr. Raimundo Nonato de Oliveira que estava responsável pela igreja, pois Francisca e Mundoca estavam na localidade Coroa<sup>14</sup>, trabalhando nos terrenos de José França da Rocha, acautelou os moradores, sugeriu-se que eles a resguardassem a igreja contra o suposto carro anormal do

<sup>13</sup> Retirado do livro *A história das religiões no contexto da história cultural* de José Leandro Peters, 2015.

<sup>14</sup> Povoador do município de Buriti dos Lopes.

qual fora visto, com isso os habitantes de Barra do Longá que dormiam mais tarde ficavam na frente da igreja, motivados pelo afeto e devoção. Com a preocupação constante dos moradores seu Raimundo decide então comunicar a situação para o então Padre Oney Braga. Em virtude dos fatos mencionados nasce aqui o grande precursor da Procissão. Padre Oney decide então acoitar a imagem na casa de Dona Francisca que nos relata essa história com riqueza, a ordem de Padre Oney. “Tire Santa Luzia da igreja... Você traga e bote dentro do guarda-roupa da comadre Francisca... E você diz que levei a imagem para o Buriti”.<sup>15</sup>

Como forma de proteção e prevenção Padre Oney não revelou o verdadeiro local o qual ele escondera a imagem, fazendo com que os próprios moradores e os supostos ladrões ficassem sem notícias de seu paradeiro. Dona Francisca relata que ouviu muita falácia por conta do sumiço da imagem, tiveram então que chamar um membro da comunidade para que ele visse a imagem e controlasse os falatórios.

Contudo, em novembro de 1977 uma equipe organizadora da paróquia reuniu-se e de forma cuidadosa planejaram cada passo para a devolução da imagem. Chico Braga<sup>16</sup> conta que participou da reunião e que Chica Belina<sup>17</sup> foi quem deu a ideia do encontro das imagens, onde a procissão todos queriam participar do momento, porém ficava inviável para os barrenses estarem às 05:00h da manhã na cidade e ainda voltarem novamente para o povoado, não podendo deixar de fora a comunidade, a ideia de levar o sagrado coração de Jesus ao encontro de santa Luiza conserva-se até os dias atuais.

Todo dia 03 de dezembro ocorre a procissão de Santa Luzia. Onde há muitos anos vem ocorrendo sempre pela tarde, mas precisamente às 16:30h. Com o objetivo principal a procissão só ocorreria naquele ano, mas o sucesso foi tanto que os fieis começaram a pedir que ela se repetisse. Como explicar a vontade do povo em fazer a continuação da procissão, já que a distância era longa e a estrada era de terra, segundo o padre Vicente Gregório:

Há elementos que são regulares, que nos conservamos. O essencial é que a fé se mantenha, e fé nós trazemos quase sempre do seio e interior da família. Hoje a gente avalia isso muito mais com um olhar cientista, de estudioso, de querer compreender esse fenômeno que para mim é de fato incomensurável.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida por Francisca Alves de Sousa aos autores em 19 de maio de 2018

<sup>16</sup> Entrevista concedida por Francisco de Assis Braga aos autores em 11 nov. 2018. Sobrinho do Padre Oney Braga.

<sup>17</sup> Autora do Hino de Buriti dos Lopes.

<sup>18</sup> Entrevista concedida por Vicente Gregório de Sousa Filho aos autores em 19 de dezembro de 2018

Pela observação dos aspectos analisados podemos sugerir que a Procissão de Santa Luzia se tornou uma das maiores procissões da região do Piauí, trazendo consigo um grande número de espectadores e fiéis. Conclui-se que de certa forma a Procissão se viu planejada, desde o início quando resolveram acoitar a imagem contra os ladrões e a sua devolução em forma de um movimento religioso popular.

#### 1.4. IMPORTÂNCIAS CULTURAL E RELIGIOSA PARA A COMUNIDADE LOCAL

O movimento apesar de público e aberto, realmente apresenta alguma importância das pessoas? Segundo o atual pároco<sup>19</sup> as importâncias são muitas, no âmbito econômico principalmente, que se pode dizer que é o ponto principal, pois muitas pessoas mudam sua renda nessa época, aumentando também a renda da igreja, que vem principalmente do cofre e das ofertas, leilões também arrecadam muitos lucros, que vem por meio de olhos vivos<sup>20</sup> colocados pelos pagadores de promessa. Levando ao lado religioso o padre acredita que esse seja um momento de fortalecimento de fé e proximidade, onde essa fé foge do padrão da formalidade, onde ele coloca que a movimentação financeira dentro da igreja acontece devido essa gratuidade e agradecimento.<sup>21</sup> O padre ainda acredita que esse movimento diminui a evasão de católicos para outros tipos de religiões e ceitas.

Peters (2015), em Análise a Gasparo, afirma que ele “defende que as normas existem, mas na prática elas são questionadas e podem ser alteradas, perdendo alguns de seus pressupostos iniciais”. (PETERS, 2015, p.100) assim dando a entender que possivelmente esses atos de fé muitas vezes estão fora daquilo que a igreja manda. Acrescentando mais “Para que a ortoprática esteja frente da ortodoxia, o fato religioso não pode ser analisado sem a civilização, é ela que confere historicidade à prática religiosa” (PETERS, 2015, p.100) então complementando a palavra do padre quando diz que ao seu ver é uma fé que foge do padrão da formalidade, “é um tipo de fé, de religiosidade que parece não passar por uma mediação de uma hierarquia religiosa”.<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> Vicente Gregório de Sousa Filho.

<sup>20</sup> Animais vivos.

<sup>21</sup> Entrevista concedida por Vicente Gregório de Sousa Filho aos autores em 19 de dezembro de 2018.

<sup>22</sup> Idem 23

## CAPÍTULO 02

### 2. AS DEZ NOITES DO FESTEJO

Ao contrário do que muitos acreditam o festejo de Santa Luzia não iniciou na década de 70, mas sim há muito tempo atrás onde sua origem é desconhecida até em documentos. A eficiência de um historiador é medida a partir de suas fontes e o grau de veracidade dos mesmos, mas nesse caso o que nos enaltece é a história oral, onde iremos fazer uso de argumentações de alguns personagens<sup>23</sup> que irão surgir ao longo do texto. Além disso, como diz Pesavento em sua obra *Fronteiras da Ficção*, diálogos da história com a literatura onde ela discute a veracidade dos documentos e amplia a força da narração de um historiador:

Mas, em que se baseia a veracidade do documento, deste documento eleito pelo historiador, que o escolheu como digno de fé entre as muitas fontes que se oferecem do passado? Gagnebin assevera que Tucídides não apresenta versões possíveis de um mesmo fato, mas fornece ao leitor a versão que escolheu previamente, a partir do seu discernimento e da elaboração de uma explicação racional. (PESAVENTO, 2000, P.36).

Com isso, partindo de uma versão racional para o leitor, o título desse tema enfatiza em si a partir do momento em que foi criada a grande procissão de autoria de padre Oney. Outro fator importante é tentar desvendar como o festejo de Santa Luzia se tornou imensuravelmente grande após o surgimento da procissão e como seu valor cultural expandiu-se por vários estados, mesmo como dito antes, que no início do festejo as informações padecem de fontes, e essas narrativas também são desenvolvidas por Pesavento::

O narrador como que sai do texto, na sua posição de contar uma história e explicá-la ao leitor, e estabelece uma espécie de discussão paralela sobre os fatos em análise. (PESAVENTO, 2000, p.49).

Após a criação da procissão em 1976 o festejo passou a ter uma nova vida, mais pessoas passaram a frequentar o movimento, e por consequência disso a festividade ganhou status elevado dentro do mundo católico, pois além da procissão, todos os outros componentes do festejo se mostravam elevados com o aumento no fluxo de pessoas, os leilões que iremos discorrer mais adiante, ganharam mais respaldo nos arremates e nas doações, assim como as missas que também

---

<sup>23</sup> Pessoas que foram entrevistadas em diferentes fases do festejo e que serviram como apoio para o desenvolvimento do projeto.



receberam mais fiéis, e as festas mundanas<sup>24</sup> e profanas<sup>25</sup> que será alvo de estudo no final deste capítulo, de certa maneira também se mostrou em crescimento a partir da criação da procissão.

De fato ao analisarmos toda a trajetória<sup>26</sup> do festejo a partir da data de criação da procissão iremos perceber que várias tradições, memórias e costumes se mantêm vivos no cotidiano de muitas pessoas. Com isso Chico Braga menciona em uma de suas entrevistas: “Quando me lembro que assim que iniciou a procissão de 76 pra cá, muita coisa mudou, mas meu costume de frequentar o festejo estou passando para meu netinho”. Essas memórias só foram capazes de sobreviver ao tempo graças, contudo a história oral, de acordo com Pollak em seu livro, Memória, esquecimento e silêncio:

Assim como uma “memória enquadrada” uma história de vida colhida por meio da entrevista oral, [...] Mas assim como no caso de uma memória coletiva, essas variações de uma história de vida são limitadas. Tanto no nível individual como no nível do grupo, [...]. (POLLAK, 1989, P.13).

Por fim ao longo desse capítulo vamos conhecer detalhadamente as fases do festejo que ganharam destaque do ano de 1976 até os dias atuais, e em contrapartida buscar ao leitor para que ele entenda como as engrenagens se encaixam na festividade de Santa Luzia.

## 2.1 ROMEIROS E PAGADORES DE PROMESSA

É de conhecimento geral que todo festejo é regido por um santo, e que por sua vez os santos são aclamados por várias pessoas, tais pessoas são nomeadas como devotas. A devoção por um santo é algo que a igreja católica preza muito, em outras palavras é base fundamental. Visto isso, as pessoas que são devotas de determinados santos católicos se apegam a eles em forma de fé, quando muitas vezes elas estão passando por alguma dificuldade, seja emocional, financeira e as mais frequentes em estado de doenças. Com isso as pessoas fazem as famosas promessas ao santo em busca daquilo que elas almejam no momento.

---

<sup>24</sup> Festa imoral que contraria os preceitos cristãos que promove bebidas alcoólicas, sexos, palavrões e idolatrias e que satisfazem os desejos carnisais do indivíduo.

<sup>25</sup> Desrespeito com as práticas religiosas, violação das regras divinas.

<sup>26</sup> Caminho a ser descrito desde o ano de 1976 a 2018, elencando todos os tópicos que serão discutidos neste capítulo.

No festejo de Santa Luzia, iremos conhecer pessoas que fazem parte desse momento de fé e espiritualidade, assim também como aquelas pessoas que se retiram de sua cidade natal ou comunidade em prol dessas conquistas de fé, os chamados romeiros, além disso, conhecer as mais inusitadas e diversas formas que os devotos acham de pagar suas promessas. Sim, quando uma pessoa faz uma promessa para um santo e ele tem que fazê-la, dizemos que o mesmo está pagando a promessa.

Levando em consideração os aspectos, o momento mais propício para se pagar uma promessa feita a Santa Luzia, é durante a grande procissão, é na procissão que os fiéis devem pagar suas promessas, essas promessas são feitas ao longo do ano e cabe a pessoa em sua particularidade arcar com a “dívida” como assim diz dona Maria:

Uma vez acordei com dor de cabeça e meus olhos doloridos... Já vinha sendo uma dor que todo dia me assustava, aí decidi fazer uma promessa a Santa Luzia, que se eu ficasse boa, durante a procissão eu ia toda de branco e com uma imagem dela adorando, e assim eu fiz e por isso estou aqui, e olha que vim de muito longe.<sup>27</sup>

Contudo, dona Maria é apenas uma dos inúmeros romeiros que fazem peregrinação de suas cidades para o então festejo de Santa Luzia. Os pagadores de promessa não podem dar muitos detalhes sobre o motivo pelo qual optaram em fazer seu compromisso, muitos menos explicar porque vão pagá-la de forma tão inusitada, pois já é algo cultural esconder as promessas, pois acreditam que se falarem, a mesma não servirá naquele âmbito.

Culturalmente a forma de se pagar uma promessa é tradicional, os mais velhos explicam como deve ser feita a quitação da promessa para os mais jovens, por isso não é incomum ver durante a procissão várias crianças e adolescentes seguindo esse costume, muitos deles fazem o trajeto de Buriti dos Lopes a Barra do Longá descalços em pleno asfalto, outros vão correndo, ou simplesmente com uma pedra na cabeça, são formas de pagar promessa que deixam muitas pessoas incrédulas principalmente aquelas que não fazem parte do contexto religioso. Além disso, esse contexto de devoção é algo que não se pode tentar explicar, mas sim entender como diz Durkheim em *As formas elementares da vida religiosa* (1912):

---

<sup>27</sup> Entrevista concedida por Maria dos Reis Soares Sousa aos autores em 03 de dezembro de 2018. Maria dos Reis Soares Souza, nascida em 15 de Janeiro de 1955, natural de Cana Brava no estado do Maranhão é uma romeira que a muito tempo se desloca de sua localidade para pagar promessas a Santa Luzia.

Durkheim afirmou que a religião é uma representação do social, uma “instância real, que exprime sentimentos, necessidades e pensamentos reais”. Assim não haveria religiões falsas, pois todas elas seriam verdadeiras a sua maneira, respondendo a determinadas condições da vida humana. (PETERS, 2015, p.94).

Os romeiros, pessoas que fazem peregrinação em grupo com destino a uma determinada cidade, seja a pé ou de veículos automotores lotam o festejo de Santa Luzia. Eles se originam de toda região norte do Piauí como, por exemplo, Parnaíba, Bom Princípio, Caxingó, Caraúbas entre outras e também avançando fronteiras interestaduais como é o caso de dona Maria citada acima. No entanto Chico Braga nos lembra em seu passado como ele viu os romeiros pela primeira vez na terra da nossa querida padroeira:

[...] Foi na primeira vez que fui pro festejo, com meu tio padre Oney, a gente tava parado na sombra quando de longe eu vi aquele negócio levantando poeira... eram mais ou menos uns 10 ônibus tudo lotado de gente, cantando a oração da santa, eu me assustei com aquilo, nunca tinha visto nada igual, e depois que desceram dos ônibus foram aproveitar o dia. (BRAGA, 2018).

Ainda convém lembrar que os romeiros nessa época se hospedavam no velho casarão<sup>28</sup>, que lhes eram doado para que os romeiros passassem a temporada de festejo, o velho casarão recebia o nome de “A casa dos romeiros”. Atualmente os romeiros se abrigam não mais no velho casarão, mas em uma casa feita a mando da paróquia, nos arredores da igreja.

Um fato curioso e não tão bem aceito pela comunidade de Barra do Longá e também pelas pessoas frequentadoras do festejo é o fato dos romeiros despejarem muito lixo durante as suas passagens e este fato de certa forma é um problema que precisa ser corrigido, porque além de sujar o meio ambiente, desperta mal olhado na festa de Santa Luzia que por sinal é uma das mais belas da região.

## 2.2 MISSAS E LEILÕES

Pode-se afirmar que, em razão de descrevermos o festejo de Santa Luzia é indiscutível falarmos sobre as missas, os novenários<sup>29</sup> e toda riqueza que a envolve e, logo em seguida discutiremos sobre os leilões considerados também marco histórico na festividade.

<sup>28</sup> Residência da época colonial que por muito tempo foi usada como casa oficial dos romeiros.

<sup>29</sup> Designação dada em relação às nove noites de missas durante o festejo, por isso à alusão com o número nove.

Desde o princípio do festejo, as missas de fato são o principal motivo para que haja tal evento. Como sabemos os festejos são classificados como novenário do santo padroeiro, no caso em questão por conta de Santa Luzia padroeira de Barra do Longá. As missas ocorrem em todos os dias do festejo, principiando no dia 03 de dezembro ao dia 13 do respectivo mês, vale lembrar que se chama novenário pelo fato do primeiro dia e o último não entrarem na contagem das novenas, que significam nove noites de missas, sendo assim contamos apenas com o dia 04 de dezembro ao dia 12, resultando em nove dias de celebração eucarística para toda a comunidade.

Além disso, durante o período de festejos as missas são campais, isto é, são celebradas do lado de fora da igreja para que haja maior comodidade para os fiéis.

Quando chegamos lá... Naquele início de noite, um clima agradável e toda aquela multidão do lado de fora... Muito bom, eu particularmente gosto mais de missa campal, por que cabe mais gente na praça, só acho ruins os bancos de madeira (risos altos), mas aí já é pedir demais (risos). (BRAGA, 2018).

Durante o novenário as Santas missas são organizadas por grupos distintos pertencentes às igrejas de determinadas comunidades juntamente com o auxílio do padre local do festejo. A primeira missa que ocorre dia 03 data de início do festejo e que celebra o final da procissão como dito antes é campal. Atualmente a missa de abertura é de responsabilidade do grupo de Apostolado da Oração<sup>30</sup>, sendo essa primeira não ligada às novenas. Esse grupo fica com a responsabilidade de animar a noite, ou seja, cabe a eles como tudo vai funcionar, desde a ornamentação dos bancos, dos coroinhas e eles também organizam os leilões provenientes em todos os dias após o final da missa.

Dado o exposto, nos convém lembrar e falar um pouco do passado, onde nosso colaborador Chico Braga nos indaga a refletir o seguinte pensamento:

Porque hoje algumas pessoas vêm às santas missas como algo fadonho? Quando eu era mais novo, nos meus vinte e poucos anos as pessoas só falavam por uma língua só, “fulano a missa hoje vai ser boa”... Hoje em dia quase não vemos mais as pessoas comentarem sobre as missas. (BRAGA, 2018).

De certa forma, isso faz parte de um processo onde a identidade religiosa se mostra comprometida em relação às pessoas, assim como diz Albert Einstein:

O comportamento ético do homem deve basear-se eficazmente na compaixão, na educação e nos laços sociais, e não necessita de base

---

<sup>30</sup> Uma organização composta por leigos católicos cuja finalidade é a santificação pessoal e a evangelização.

religiosa. Triste seria a condição humana se os homens precisassem de ser refreados pelo temor do castigo ou pela esperança da recompensa depois da morte. (EINSTEIN 1879/1955).

Com essa afirmação muito se tem a questionar, principalmente quando outros autores revelam o outro lado, outro sentido para que se possam responder as indagações construídas, como Marx conta: “A religião é o suspiro da criança acabrunhada, o coração de um mundo sem coração, assim como também o espírito de uma época sem espírito. Ela é o ópio do povo”. (MARX 1818/1883).

Com essas duas visões podemos então chegar a uma conclusão da indagação de Chico Braga, ou também podemos permanecer no mesmo lugar de origem, sem as explicações, pois são assuntos delicados que cabem a cada um de nós a explora-los espiritualmente.

Levando em conta o que foi observado, as missas de certa maneira perderam sim um pouco de interesse por uma minoria dos participantes, porém muito se sabe que continua de maneira avantajada dentre a maioria.

Por isso tudo, no quinto dia do novenário temos a Imaculada Conceição, um dia repleto de bênçãos e organizado pelo Movimento da Mãe Rainha<sup>31</sup>. Para descrevermos o que acontece nesse dia, contamos também com argumentos de Chico Braga. Este quinto dia inicia-se as 08:00 horas com casamentos comunitários, as pessoas que anseiam por este momento aderem por esperar esse dia, assim vários casamentos são realizados na celebração. Foi durante um desses dias que Chico Braga expressa o seguinte:

Engraçado mesmo foi em um dia desses de casamento, estava eu e uns amigos, quando o padre perguntou: “quem vai querer casar agora?” muitos queriam, mas eu mesmo não, isso não é pra mim, pode sair pra lá... Conheço várias pessoas que se casaram nesses dias, amigos, parentes, mas eu tô aqui ainda. (BRAGA, 2018)

Em seguida as 09:00 horas acontecem os batizados para todos que tenham interesse na ação, momento em que a maioria dos presentes são crianças desde ao recém nascimento a uma faixa de 10 anos de idade. Partindo pelo período da tarde temos a benção dos vaqueiros, onde vários vaqueiros vestindo seus trajes e montados em seus cavalos fazem a passeata pelas ruas da comunidade e depois são unguídos com agua benta, é um movimento vistoso aos olhos dos apreciadores. De um modo geral, em todas as noites de novena, exceto no último, dia 12, antes

---

<sup>31</sup> É um movimento apostólico internacional baseado em Maria de Nazaré, fundado na Alemanha.

das Missas ocorre a Oração do Terço<sup>32</sup>, por volta das 18:00 horas realizada na própria igreja de Santa Luzia por homens, mulheres e crianças da comunidade.

Comumente não apenas no dia da Imaculada Conceição, mas como em todos os outros dias do festejo, exceto dia 13 onde a celebração inicia as 18:00 horas, a Santa Missa tem início a partir das 19:00 horas, assim como as outras é realizada de maneira campal e com isso chegamos ao final do quinto dia do novenário.

Dessa forma chegamos ao último dia do novenário na nona noite dia 12, já não contamos mais com a oração do terço, que dará espaço para o tradicional bingão realizado pelo povoado onde são sorteados vários prêmios. No decorrer desse dia temos a celebração de três liturgias, a primeira as 09:00 horas, a segunda dando início as 16:00 horas com parceria das confissões comunitários e por último as 19:00 horas, esse último dia de novena é de responsabilidade dos coordenadores do novenário.

Sendo assim com essas três Missas no último dia algumas pessoas acham desnecessário tal quantidade, levando a um contexto de comodidade onde as pessoas não prestassem mais atenção na celebração, mas por outro lado como explica o Apóstolo São Paulo, “A fé vem pela escuta da pregação da palavra de Deus”. (RM 10-17).

Portanto, chegado o dia 13, já não fazendo mais parte do novenário, a última Santa Missa é realizada as 18:00 horas recebendo o título de Santa Missa de encerramento. As 07:00 horas do mesmo dia temos a Missa da festa de Santa Luzia, este dia é organizado e preparado também pelos coordenadores do novenário. É exatamente nesse dia 13 que ocorre a festa mundana mais aguardada, a matinê<sup>33</sup> que será alvo de exploração mais adiante.

Agora em contrapartida as missas, iremos discorrer sobre os leilões, dito acima que são historicamente importantes e são peças de fundamentação de quaisquer festejo, os leilões já existiam a muito tempo, antes mesmo da grande procissão de Santa Luzia e que se fazem presente até nos dias de hoje, essa preservação de costume e memória se diz respeito com o que Nora explica em seu livro a problemática dos lugares:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários,

---

<sup>32</sup> É uma oração secular uma das mais praticadas pelos católicos, realizada pelas pessoas da comunidade rezando as etapas do terço.

<sup>33</sup> Festa que ocorre no período diurno e representa o fim do festejo

organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993).

Alguns argumentam que os leilões deveriam virar patrimônio cultural imaterial por conta da sua longa história e importância para o festejo. Os leilões de Santa Luzia são atrativos em toda a região, muitas pessoas quando se dirigem para o festejo logo vêm com galinhas vivas, bolos e galinhas assadas para servirem como joias<sup>34</sup>, essas joias são servidas como forma de devoção e gratidão a Santa Luzia.

Assim como as missas os leilões acontecem todos os dias durante o período de novena, sempre após as santas missas. No entanto convém lembrar aqui que na época de criação da procissão a realidade dos leilões era muito diferente do que se vê atualmente como assim diz Chico Braga: Era sempre uma coisa boa participar dos leilões à luz de lampiões e todas aquelas pessoas gritando, “dois cruzeiros... quatro cruzeiros” era uma multidão. (BRAGA, 2018).

Como vimos no item anterior à realidade na época dos leilões era muito diferente da que encontramos hoje, para sermos mais ostensivos naquele tempo a comunidade era desprovida de energia elétrica, e a única saída para se iluminar os leilões e também as residências da época era através de lampiões e velas de cera de carnaúba. Com isso na década de 70 após padre Oney ter assumido a paróquia de Barra do Longá, um dos seus maiores feitos para a comunidade em questão foi à aquisição de um gerador elétrico, tal feito marcou a época e ficou presente na memória daqueles que participaram do evento revolucionário, essas inovações e mudanças nos diz respeito ao que se conta na obra *Apologia da História ou O Ofício de Historiador* de Marc Bloch.

Supõe em primeiro lugar que as condições humanas sofreram, no intervalo de uma ou duas gerações, uma mudança não apenas muito rápida, mas também total: de modo que nenhuma instituição um pouco antiga, nenhuma maneira de se conduzir tradicional, teria escapado às revoluções do laboratório ou da fábrica. (BLOCH, 1993, p.63).

Além disso, com essa mudança proporcionada por padre Oney, os leilões até hoje se mantêm praticamente com as mesmas características, um fato curioso e que nos chama atenção é que no momento atual os prestigiadores dos leilões tem diminuído se comparados com vinte ou trinta anos atrás, talvez seja reflexo do atual momento econômico de nosso país, porém Chico Braga faz comparações que nos mostram visões do passado e do presente, o mesmo participou diretamente dos

---

<sup>34</sup> Objetos, comidas ou animais que são oferecidos como forma de pagamento de promessas ou simplesmente pelo fato de agradar o santo padroeiro do festejo.

leilões em sua juventude por aproximadamente quatro anos, e durante esses anos teve experiências que nos conta com alegria e certo tom de saudade.

[...] “quando eu tinha vinte anos meu tio padre Oney, me colocou como responsável de ser o anotador do leilão... lembro como hoje no meu primeiro dia, comecei por volta das 20:00 horas anotando, estava muito lotado... aí anotação vai, anotação vem, foi a madrugada toda e eu só comendo coxa de galinha assada e uma garrafa de Coca Cola... melhores leilões foram dessa época.” (BRAGA, 2018).

Conclui-se que além dos leilões fazerem parte de uma geração de finanças para a paróquia, eles são modelos de grandes histórias, onde várias pessoas sem dúvida tem muito a contar e lembrar dos acontecimentos que marcaram a época, que contemporaneamente ainda estão fazendo sucesso e esperamos que esse costume perdure por muito tempo.

## 2.4 FESTAS MUNDANAS E O COMÉRCIO

Observando o cenário explorado chegamos ao que chamamos de festas mundanas<sup>35</sup> e sua importância na vida de quem participa do festejo de Santa Luzia e principalmente de maneira econômica e sem deixar de lado o pensamento daquelas pessoas mais religiosas que descartam as festas mundanas. Essas festas são de fato peças importantíssimas para a manutenção de quaisquer festejos Brasil a fora, sendo assim também no povoado de Barra de Longá. Ao iniciarmos essa discussão iremos contar com depoimentos cheios de narrativas de moradores da comunidade, explicando o que as festas influenciam em suas vidas, e partindo desses relatos contaremos as suas diversas experiências festivas ao longo dos anos.

Em virtude do que está sendo mencionado no presente projeto que é o lado religioso, este tópico nos diz respeito sobre um lado das pessoas mais religiosas que de certa forma vêm essas comemorações como um meio de pecado e perdição.

Não amem o mundo nem o que nele há se alguém ama o mundo, o amor do pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo, a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens, não provem do pai, mas do mundo. O mundo e a sua cobiça passam, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre. (1 JOÃO 2:15-17)

Diante desse ponto, Dona Socorro, moradora de Barra do Longá, nos relata com um tom de medo e ao mesmo tempo sorridente qual o seu sentimento em

---

<sup>35</sup> Idem 25



relação a essas festividades, na qual ela mesma expressa as seguintes palavras: “... Não, eu mesma não, prefiro minha missa dia de domingo do que essas festas veia, que não oferece nada pra ninguém...”<sup>36</sup>.

Todavia as festas sempre foram alvo de discussões e conflitos ao longo da história entre aqueles que são mais religiosos e aqueles que se omitem mais em relação ao sagrado, mas sempre havendo uma margem de tolerância, assim diz Martha Abreu:

Que, apesar das mudanças em relação à vivência religiosa colonial e do estabelecimento de algumas políticas repressoras, sempre se manteve um caminho e uma possibilidade para a tolerância religiosa no século XIX. (ABREU, 1999, p.199)

Como dito acima as opiniões são divididas em relação a essas festas, outro ponto de vista sobre o tema é de um morador local chamado Fábio, proprietário de um clube de festas e de um bar há algum tempo na região. Durante o diálogo Fábio se mostra alegre e sorridente, ele nos diz que de certa forma as festas mundanas tem um valor especialmente econômico, pois na época de criação dos seus empreendimentos ele se encontrava desempregado, e achou dessa maneira um viés para se sobressair das dificuldades:

“No ano de 1998 quando eu tava desempregado decidi abrir um bar, o Passa Tempo, foi uma maneira de ganhar dinheiro em época de festejo de Santa Luzia... aí em 2010 eu fiz o clube também coloquei o nome de Passa Tempo, foi o meu meio de viver e graças a Deus ta dando certo”.<sup>37</sup>

Essa afirmação nos mostra o quanto o lado das comemorações mundanas são extremamente importantes para o desenvolvimento econômico do povoado durante o festejo. É exatamente nesse período que a comunidade ganha mais respaldo em comparação aos outros meses do ano, comerciantes, varejistas e vendedores ambulantes triplicam suas vendas durante as festividades, e também temos as famosas barraquinhas que falaremos mais adiante. Com isso é inegável dizer que o festejo não apenas serve como renovação da fé, mas também como um meio de vida econômico. Por outro lado, quando perguntado, Fábio revela certo receio em relação às próximas gerações de pessoas que frequentarão o festejo de

<sup>36</sup> Entrevista concedida por Socorro Marques de Sousa aos autores em 06 de novembro de 2018. Socorro Marques de Sousa é uma tradicional moradora do povoado em questão Barra do Longá, nascida em 10 de outubro de 1951 é frequentadora do festejo de Santa Luzia há vários anos.

<sup>37</sup> Entrevista concedida por Fábio Alves da Silva em 06 de Novembro de 2018. Fábio Alves da Silva, nascido em 25 de junho de 1978, morador de Barra do Longá, tradicionalista na comunidade por realizar eventos como as festas mundanas na época de festejo, e dono do bar e do clube Passa Tempo e colaborador central do tema.

Santa Luzia, pois ele também enxerga que além do valor financeiro, existe o valor cultural, as tradições que com o passar dos anos estão se perdendo gradativamente.

“Rapaz é bom a parte que tô ganhando dinheiro né, mas também me preocupo cara, porque nasci dentro do festejo e querendo ou não com o passar dos tempo, o tanto de gente tá diminuindo, não tanto assim, mas tá né, aí uma coisa puxa a outra entendeu? Quanto mais pouca gente, menos eu vendo e também o festejo vai perdendo a graça...”<sup>38</sup>

É de conhecimento geral que as festas mundanas sempre são atrativas em todos os festejos, principalmente para os mais jovens, que alegam sem retroceder que a melhor parte são as próprias festanças, pois são onde eles mais se divertem e se sentem vontade, deixando um pouco à mercê o lado religioso.

Pela observação dos fatos mencionados entra em cena uma jovem moradora da comunidade barrense<sup>40</sup>, nomeada de Sthefany que em tom de graça diz que para ela o festejo tem sua importância voltada mais para a diversão, curtindo as festas principalmente e também pelo lado financeiro, pois seu pai Fábio, já citado acima, é um empreendedor local.

“Para mim o festejo é bom porque ajuda meu pai a ganhar dinheiro”... (risos). “E também as festas são boas porque é um meio de divertimento pra gente, conhecer novas pessoas, desocupar a mente, em fim, curtir o que há de melhor no festejo”. (SOUSA, 2018)

Um dos meios que mais chamam atenção dos turistas, romeiros e as pessoas comuns, são as barraquinhas. Os arraqueiros<sup>41</sup>, assim denominados por serem donos das barracas, vêm de toda parte do estado do Piauí, Maranhão e Ceará, entre outros. Nessas barraquinhas podemos encontrar de tudo um pouco, desde uma agulha a um tênis. Todos os anos essas pessoas se dirigem à Barra, pois enxergam no festejo um valor econômico muito alto, e assim poderem tirar seus suprimentos. A cultura e a grandiosidade do evento de Santa Luzia são faladas em todos os cantos, em uma das entrevistas, conhecemos um barraqueiro, seu Antônio, natural de Tutoia no estado do Maranhão, em sua barraquinha disponibilizava de tudo, anéis, chapéus, roupas, creme de galinha e cachorro quente, além de aparência humilde era muito educado. Seu Antônio é apenas um, das inúmeras pessoas que vivem de barraquinha para tirar a sobrevivência e dependem especialmente dos festejos para que isso ocorra, ele nos diz em tom de gratidão e humildade as seguintes palavras:

---

<sup>38</sup> Idem 38

<sup>40</sup> Adjetivo dado as pessoas cuja naturalidade pertence à Barra do Longá, comunidade chave de estudo do projeto.

<sup>41</sup> Pessoas que vendem artigos e comidas em barracas em época de festejo.

“Agradeço no fundo do coração a Santa Luzia por me ajudar... acredito eu que sem esse festejo eu não seria nada, rezo todos os anos para que a tradição não se acabe nunca, nem quando eu bater as bota”.<sup>42</sup>

Em consequência disso, por fim chegamos à festa da matinê<sup>43</sup>, talvez a mais aguardada das festas, onde o fluxo de pessoas é maior, pois se trata do encerramento do festejo. Em uma dessas festas de matinê nossa colaboradora Sthefany, narra uma cena bizarra que aconteceu durante essa festividade e certamente chamou a atenção de várias pessoas:

“Era quando eu estava na fila pra entrar no clube de festas, ai duas mulheres começaram a brigar na minha frente, por que uma pisou no pé da outra... foi hilário, me marcou esse acontecimento e durante todo o festejo eu fico me lembrando (risos). Com certeza é uma cena que nunca vou esquecer... (respira fundo).<sup>44</sup>

Por fim, percebemos que por mais que os festejos sejam voltados para o lado religioso, não se podem descartar as festas mundanas, mesmo havendo os prós e os contras, mas como vimos, essas comemorações são responsáveis por colocar alimentos nas mesas de donos de bares, comerciantes e barraqueiros e de deixar várias histórias na memória das pessoas que participam do grandioso evento.

---

<sup>42</sup> Entrevista concedida por Antônio Lima dos Santos aos autores em 03 de dezembro de 2018. Antônio Lima dos Santos, atualmente com 67 anos, é devoto de Santa Luzia a mais de 40 anos, natural de Tutóia no Maranhão trabalha como barraqueiro desde os 14 anos com seu falecido pai.

<sup>43</sup> Idem 34.

<sup>44</sup> Entrevista concedida por Sthefany Silva de Sousa aos autores em 05 de dezembro de 2018. Sthefany Silva de Sousa, nascida em 24 de Novembro de 2001, moradora de Barra do Longá, é filha de Fábio citado acima. Relatora da passagem de humor na história.

### 3. CONTEMPORANEIDADE DO FESTEJO 2018

A mudança torna-se inevitável para todo aquele que se movimenta. No festejo e procissão nos deparamos com várias informações sobre o que existia e deixou de existir e o que não existia que foi criado ou reinventado.

Ao abordar o último capítulo contribuiremos para mostrar como a história se faz presente sendo passado, e como o estudo cultural fala muito sobre uma sociedade. A fim de explanar mais esse assunto, temos dois tópicos com as transformações e continuidades.

#### 3.1 TRANSFORMAÇÕES

Supõe em primeiro lugar que as condições humanas sofreram, no intervalo de uma ou duas gerações, uma mudança não apenas muito rápida, mas também total: de modo que nenhuma instituição um pouco antiga, nenhuma maneira de se conduzir tradicional, teria escapado às revoluções do laboratório ou da fábrica. (BLOCH, 1993, p.63).

Como já provém da sociedade as mudanças, com o seu quase meio século de existência, a procissão da Barra foi ganhando diferentes formas durante os anos. Tais elas como a mudança de horário da caminhada, que hoje já é considerada uma procissão, saía sempre pela manhã e após alguns anos foi para a tarde à partir das 16:00h, onde se firma até hoje nesse horário.

As festas mudaram sua forma e seu espaço, onde no início se tinha as orquestras em um casarão,<sup>45</sup> hoje as festas e serestas são em clubes e bares.

Sabemos que a história não se repete, ela apenas ganha nova forma sem perder a essência, as transformações ocorrem ano após ano, sempre recriando um ciclo.

Há alguns anos atrás há quem disse que não existia mais procissão, justificando com base no aumento do número de pessoas que iam apenas para a caminhada, acreditamos então que esse momento existiu, mas que a menos de três

---

<sup>45</sup> Adjetivo empregado para casas de grande porte na época colonial de 1822.

anos a procissão parece reacender a chama dos fiéis para a fé, elevando o número de pessoas no dia três, aquecendo o comércio e custeando as despesas da igreja.

A propaganda do festejo e da procissão são coisas que mudaram, pois a muitos anos não se precisa avisar ninguém, por que todos sabem. A principal transformação que damos por base é que a procissão passou de evento para se tornar tradição.

### 3.2 CONTINUIDADES.

Ao fazer uma análise sobre o festejo de Barra do Longá, colocando em foco a procissão de Santa Luzia fizemos descobertas fascinantes ao longo de toda a pesquisa. Em seu corpo construtivo buscamos compreender o que de fato acontecia dentro do festejo e suas características que são pontos importantes desde a sua formação até a contemporaneidade. De fato muitas imposições surgem ao longo de qualquer leitura, porém vamos aqui discutir dentre os fatores que foram citados que fazem parte do festejo em sua totalidade formação, focando em três bases da festividade, como o caso das missas, que iremos indagar que se elas permanecem em sua estrutura de início até os dias de hoje, o levante do mastro, peça importantíssima que se faz entender o início do festejo, além disso, contamos também com os leilões e a dúvida que nos cerca é a de que desde a sua criação às suas raízes, se fazem presentes até os dias atuais? Em virtude do que foi mencionado há a necessidade de um estudo do passado e do presente, logo Jacques Le Goff em seu livro História e Memória em que o coletivo dessas continuidades é de certa maneira importante:

A distinção passado/presente que aqui nos ocupa é a que existe na consciência coletiva, em especial na consciência social histórica. Mas torna-se necessário, antes de mais nada, chamar a atenção para a pertinência desta posição e evocar o par passado/presente em outras perspectivas, que ultrapassam as da memória coletiva e da História. (LE GOFF, 1990, p.205).

Contudo iremos elencar as continuidades culturais envolvendo o passado e o presente de uma festividade tão popular. No entanto quando colocamos passado e presente face a face, entendemos os valores que se foram perdidos e aqueles que foram conservados, ou seja, continuaram ao longo do tempo, de certa forma para o bem da festividade de Santa Luzia e sua manutenção é necessário que haja um

passado conhecido e um presente a ser estudado, para que assim sua história não seja alvo de conflitos para os seus seguidores, romeiros e simpatizantes do festejo, assim como explica novamente Le Goff em sua obra *História e Memória*: “Mas a ausência de um passado conhecido e reconhecido, a míngua de um passado, pode também ser fonte de grandes problemas de mentalidade ou identidade coletivas”. (LE GOFF, 1990, p.203).

Diante disso, fica evidente a necessidade de usar a ciência História para que possamos compreender as continuidades da festividade. Dessa forma quando o conceito de missas fora abordado no segundo capítulo vimos todo o seu corpo construtivo, com as celebrações desde o primeiro dia de novena ao último, porém se faz admitir que essas características se conservassem ao longo do tempo, pois o que vemos hoje é que durante o festejo, os rituais de celebração continuam iguais como eram no passado, os dias das missas, a quantidade das mesmas permanece constante, temos então um sentimento de continuidade da religião, e que essa continuidade se deu graças às visões que as pessoas têm sobre a devoção a Santa Luzia, como explica dona Maria: “Sinto o sentimento de amor, compaixão (fala abaixo e emocionada), é algo de verdade, nem sei como explicar”.<sup>46</sup>.

O levante do mastro encaixado nessa visão de religião, de início nas aberturas do festejo desde o século XIX e mesmo após o surgimento da procissão na década de 70, se mostrou inalterável ao seu âmbito original, atualmente é levantado ainda pela parte do amanhecer seguindo fiel a sua história que vem desde o século XIX, como já dito antes. Em outras palavras podemos concretizar e afirmar de uma maneira geral que as missas, e o levante do mastro que são meios de dogmas religiosos ainda são continuações culturais do festejo de Santa Luzia.

Entretanto, ao discutimos esses feitos culturais tradicionais como é o caso das missas e o levante do mastro. devemos ter em mente que uma historia cultural é algo que perdura por muito tempo, para Peter Burke na sua obra intitulada “O que é história Cultural?” ressalva que:

A História cultural não é uma descoberta ou invenção nova. Já era praticada na Alemanha como esse nome (*Kulturgeschichte*) há mais de 200 anos. Antes disso havia histórias separadas da filosofia, pintura, literatura, química, linguagem e assim por diante. A partir de 1780, encontramos histórias da cultura humana ou de determinadas regiões ou nações. (BURKE, 2004, p.15).

---

<sup>46</sup> Idem 28.

Visto isso, entende-se que as continuidades do festejo não apenas implicam em uma simples condição de existência, mas sim como escrevemos a história.

Por fim para concluirmos a última fase que se faz presente dentro das continuidades do festejo, enfatizaremos os leilões, também alvos de estudo no segundo capítulo e que se faz presente nas memórias coletivas da comunidade. Os leilões como já dito anteriormente foi criado antes da procissão, não se sabe ao certo a data de origem, mas estudos revelam que seja também no século XIX com o surgimento da festividade de Santa Luzia. Dizemos que os leilões se encaixam nessas condições de continuidade cultural, pelo fato de até os dias de hoje a forma como se realizam os leilões é primitiva, ou seja, permanece em seu estado de origem, seguindo o mesmo regime de etapas, como as falas daqueles que são responsáveis por leiloar as joias oferecidas à Santa, e o local onde se faz o evento. Convém lembrar que os leilões fazem parte de uma memória coletiva, pois as falas são informações aprendidas por aqueles que preservam uma identidade, Le Goff, propõe que:

“A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990, p.423).

Assim, essas informações passadas são atualizadas, no caso as falas do responsável por leiloar, mas sem deixar a cultura de lado. Contudo diante de um festejo em grande escala, existem processos que perduram ao longo do tempo e que foram citados aqui, e que se de certa maneira deixassem de existir, era como se matassem o próprio festejo de Santa Luzia, por isso a escolha desses três itens, considerados os pilares do festejo, e que graças a História cultural, buscando a História oral como fonte de pesquisa e a própria memória, fazem com que o festejo de Santa Luzia em Barra do Longá seja tão grandioso como a extensão em quilômetros da querida Procissão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho não teve apenas intenção de mostrar a cultura religiosa popular, mas também mostrar como uma tradição afeta direta e indiretamente os indivíduos ao seu redor, visando não apenas o âmbito religioso, mas também o âmbito econômico.

As maneiras que as pessoas expressam sua fé e a convicção que são ouvidas fazem com que o dito popular torne-se cada vez mais conhecido, de modo que o movimento econômico cresce e se expande, podemos afirmar que o lucro obtido pelos comerciantes é derivado do sucesso do festejo, sendo dependente financeiro do mesmo.

Voltando ao que se fala de religião é notório como a mesma designa passos das vidas de pessoas, fazendo assim elas mudarem o percurso de suas vidas. A falta de explicação para a fé desses fiéis reafirma que a fé nunca poderá ser explicada nem medida por ninguém, por mais que tentemos compreender a motivação por esse movimento, as promessas, a longa caminhada e as romarias.

Esse trabalho consiste em mostrar como a religiosidade faz parte da identidade cultural do local, e como ela varia ao longo dos anos sem perder sua essência principal, que é a fidelidade dos devotos ao festejo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Fronteiras da ficção, diálogos da história com a literatura.** Revista de História das Ideias, Vol. 21, 2000.

POLLAK, Michael. Memória, **Esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 02, 1989.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História, v. 10, 1993. Tradução: Yara Aun Houry

ABREU, Martha. **Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 07. 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** SP Editora da UNICAMP, Tradução: Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, 1990.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?.** Jorge Zahar Editor Ltda. Tradução: Sergio Goes de Paula, 2004.

CAPELLE, M. C. A., BORGES, C. L. P., MIRANDA, A. R. A. **Um exemplo do uso da história oral como técnica complementar de pesquisa em administração.** Anais do VI Eneo, p. 1-13, Florianópolis – SC, 2010. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/eneo117.pdf>> Acesso em: 10 dez. 2018.

PETERS, José Leandro. **A história das religiões no contexto da história cultural,** 2015. Faces de Clío, UFJF. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facesdeclio/files/2014/09/1.6.Artigo-Jos%C3%A9.pdf>> Acesso em: 03 dez. 2018.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador.** Jorge Zahar Editor Ltda. 1993. Tradução: André Telles.

PAIVA, José Maria de. **Colonização e catequese (1549-1600)** São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1982. 108p, Resenhado por Maria Francisca Teresa Figueiredo de O. França. Em aberto, Brasília, ano 3, n. 23, set. out. 1984.

PETERS, José Leandro. **A história das religiões no contexto da História Cultural.** Revista discente do programa de pós-graduação em História-UFRJ, Vol. 01, 2015.

PARÓQUIA SANTA LUZIA. **História de Santa Luzia.** Porto Alegre - RS Disponível em: <<https://www.santaluziapoa.org.br/pagina/historia>> Acesso em: 28 jun. 2018.

SOUSA, Francisca das Chagas, AMARAL, João Batista. **Hino do Buriti.** Disponível em: <<http://buritiecologia.blogspot.com/2013/09/hino-do-buriti.html>>. Acesso em 30 nov. 2018.

CARDOSO, Frank. **Comunidades ribeirinhas em Buriti dos Lopes e Caxongó ficam ilhadas.** Disponível em:

<<https://www.portalbocadopovo.com/2018/04/enchentes.html>> Acesso em 30 nov. 2018.

NUNES, Francisco de Carvalho. **Barra do Longá presente na história.** Buriti dos Lopes – 2011. Disponível em:

<<https://www.portalburitiense.com.br/2011/03/23/barra-do-longa-presente-na-historia>> Acesso em 01 dez. 2018.

CATEQUIZAR. **A vocação e a missão do padre.** Disponível em:

<<http://www.catequisar.com.br/texto/materia/especial/vocacao/13.htm>>. Acesso em 02 dez. 2018.

<http://www.citador.pt/frases/o-comportamento-etico-do-homem-deve-basearse-efi-albert-einstein-20585>

<http://www.citador.pt/frases/a-religiao-e-o-suspiro-da-crianca-acabrunhada-o-karl-marx-1792>

BÍBLIA SAGRADA, Romanos 10, 17. Disponível em:

<<https://afeexplicada.wordpress.com/2018/03/13/citacoes-biblicas-relacionadas-com-a-santa-missa/>> Acesso em: 10. Jan. 2019.

#### FONTES ORAIS:

Francisca Alves de Sousa: filha de Buriti dos Lopes, mora ao lado da capela de Santa Luzia, em Barra do Longá, católica fervorosa de muita fé.

Padre Vicente Gregório de Sousa Filho: atual pároco de Buriti dos Lopes, o qual também é filho desta terra.

Francisco Carvalho Nunes: mais conhecido como Neném Carlixto, poeta buritiense, que apesar de não ser natural da cidade, adotou Buriti dos Lopes como sua terra.

Francisco de Assis Braga: comumente chamado de Chico Braga é formado em história, sendo ele sobrinho do Padre Oney.

Maria do Socorro Marques de Souza: moradora de Barra do Longá e muito religiosa, contribuiu para essa pesquisa de maneira oral.

Fabio Alves da Silva: morador de Barra do Longá, contribuiu para este projeto de forma oral, relatando como as festas mundanas e o comercio são influenciadas pelo festejo de Santa Luzia.

Sthefany de Sousa da Silva: moradora de Barra do Longá e filha de Fabio Alves, contribuiu por via oral, explicando como as festas faziam efeitos em sua vida.

Maria dos Reis Soares Souza: natural de Cana Brava - MA, porém em todos os anos ela frequenta o festejo para pagar as promessas e cumprir suas devoções.

Antônio Lima dos Santos: natural de Tutóia-MA, contribuiu para este projeto de maneira oral, relatando como é sua vida de vendedor.

**ANEXOS**



Fiéis saindo da Igreja Matriz de Buriti dos Lopes conduzindo a imagem de Santa Luzia na grande procissão do dia 03 de dezembro de 2018.



Vista aérea da procissão próximo ao Assentamento Cotia.